

NERES! DA LUTA CONTRA A DITADURA À RECONSTRUÇÃO DO PCB [PABLO LIMA E PALOMA SILVA (ORG.)]

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.48587>

Najla Gama Passos Silva¹

Título: Neres: da luta contra a ditadura à reconstrução do PCB

Organização: Pablo Lima e Paloma Silva (org.)

Cidade e editora: São Paulo; Belo Horizonte: Instituto Caio Prado Jr; Raízes da América Latina

Ano de publicação: 2021

Páginas: 224

“Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?
E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre?
Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a edificaram?
No dia em que a Muralha da China ficou pronta,
para onde foram os pedreiros? [...]”

Bertolt Brecht

A obra *Neres! Da luta contra a ditadura à reconstrução do PCB*, organizada pelos historiadores Pablo Lima e Paloma Silva, apresenta a história do último preso político a deixar os porões da ditadura empresarial-militar no Estado de Minas Gerais. Entre pontos e tramas que se cruzam e entrecruzam, o livro revela a história de José Francisco Neres, oriundo de uma grande capital do sudeste brasileiro, trabalhador negro, nascido em condições paupérrimas nas primeiras décadas do século XX e que, a partir do intrínseco contato com as relações contraditórias entre capital e trabalho, não hesitou em tomar partido. Nas palavras de Neres:

Sou mineiro de Belo Horizonte. Nasci em 14 de dezembro de 1934 e sou militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde 1961. Venho de uma família camponesa, pobre e estudei apenas as primeiras letras. Conheço desde bem jovem os problemas gerados pela formação excludente da sociedade brasileira, tradicionalmente classista, racista e extremamente desigual (NERES, 2021, p. 19).

O livro é consequência de uma década de pesquisas sobre a vida de Neres que, ao longo de sua caminhada, foi futebolista, músico, operário da indústria têxtil, dirigente sindical, vereador, mas, acima de tudo um comunista que dedicou a sua vida em prol da organização dos trabalhadores. De acordo com os organizadores, a história de Neres “[...] é a de um trabalhador brasileiro que conseguiu desenvolver a

consciência sobre sua experiência de classe: uma consciência de classe crítica e revolucionária.” (LIMA; SILVA, 2021, p. 14).

A publicação entrelaça relatos autobiográficos, entrevistas, artigos e documentos que numa unidade colaborativa faz emergir para o leitor temas cruciais do período da ditadura empresarial-militar, porém, que se desdobram e ecoam até os dias atuais no Brasil. No capítulo, *Porque sou comunista*, Neres narra sua trajetória. Isto é, o seu itinerário em movimento com a história política do período, desde a infância ao ingresso ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundindo-se com o conflito entre classes que ganha intensidade com o desenvolvimento do capital monopolista no Brasil. As resistências empreendidas durante a ditadura, as perseguições, prisões e torturas e o seu empenho para reconstruir o PCB, expõem a inquebrantável convicção comunista de Neres.

Na sequência, a obra nos apresenta a transcrição da palestra proferida por Neres, em 2014, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em decorrência do evento “50 anos do Golpe de 1964: história e verdade da ditadura militar”. A história das perseguições aos movimentos de trabalhadores é revivida em consonância com as atrocidades cometidas pelo Estado brasileiro, sentidas na pele por Neres, principalmente através dos agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Julgamos importante destacar, neste capítulo, a lucidez política expressa por Neres ao fazer uma análise do movimento sindical no presente:

Hoje, cinquenta anos depois do Golpe de 1964, na verdade, a classe operária está muda. O movimento sindical está em um nível inferior. Houve aquele período em que nós estávamos enfrentando chumbo nos anos 1970. A partir da década de 1980 já começávamos a avançar. Mas, hoje, o movimento sindical está extremamente apavorado. O movimento sindical não vai mais para a fábrica. Os dirigentes estão como eu via os pelegos dos anos 1950.

Por isso a gente está interessado em restaurar o papel da classe operária na nossa história. O papel de ajudar a levantar, de denunciar, porque na verdade as empresas estão à vontade. Inclusive estão assassinando... eles chegam ao ponto de mandar assassinar, como fizeram no interior com os fiscais do trabalho. Então, imagina o que está acontecendo hoje dentro das empresas. (NERES, 2021, p. 110-111)

No terceiro capítulo, intitulado *Fatos e situações: a perseguição do SNI contra Neres durante a Ditadura Militar, Terrorista e Assassina (1964-1989)*, Pablo Lima examina um arquivo entregue a Neres, concedido pela Agência Brasileira de Inteligência no início dos anos 2000. No documento é verificado que o Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão oriundo da ditadura empresarial-militar, vigiava trabalhadores que tiveram algum tipo de inserção em movimentos populares mesmo após a Lei da Anistia (1979) e no período pós-constitucional (a partir de 1988). O Estado brasileiro continuou a monitorar Neres até a década de 1990, registrando de reuniões familiares a encontros políticos. A constatação desta documentação talvez permita-nos fazer referência a questão trazida por Paulo Eduardo Arantes no seu ensaio “1964, ano que não terminou”, no qual o filósofo, fazendo referência a Tales Ab’Sáber, questiona: *Tudo somado, afinal o que resta da ditadura?*

Em “*Memórias de um sindicalista*”, Milene Lopes Costa, autora do capítulo, parte de uma entrevista, bem como de um conjunto de escritos de Neres a fim de evidenciar a correspondência entre as relações sociopolíticas que se formavam na região metropolitana de Belo Horizonte e o protagonismo de indivíduos que se manifestavam contra um cerco que se fechava nos anos que antecederam o Golpe de 1964. Contando

com uma ampla pesquisa bibliográfica, utilizando-se de pressupostos teórico-metodológicos advindos da tradição da História Oral e valorizando de forma pertinente as memórias, a autora consegue localizar o leitor, de forma ajustada, inclusive sobre impasses do período³. De acordo com Lopes Costa (2021, p. 130), “[...] as inflexões históricas externadas como demandas da contemporaneidade apontam para a emergência de historiadores que se posicionem crítica e politicamente em relação ao passado, mesmo que recente.

No quinto capítulo, “*A relação entre futebol e sindicalismo em Minas Gerais nas décadas de 1950 e 1960*”, Fernando Gaudereto Lamas debruça-se acerca da inserção de Neres no sindicato. A partir da leitura do capítulo é possível denotar a estreita ligação que se estabelecia entre lazer e sindicalismo, na cidade de Nova Lima (MG): esta especificidade, de forma significativa, se evidenciava a partir da prática do futebol.

O autor demonstra o caráter ideológico da elevação do futebol no Brasil, ou seja, do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, esta prática esportiva guardava feições elitistas. Contudo, essa característica não se evidenciou como uma barreira intransponível para o acesso das camadas populares. Para tanto, o autor, apoiado em Bakhtin, reivindica o conceito de circularidade para explicar a apropriação popular de elementos culturais alvitrados para as elites. Nas palavras do autor:

Para o caso brasileiro, o futebol surgiu, em termos ideológicos, como fator de integração nacional. De sua inserção oficial no Brasil com Charles Muller no final do século XIX, até a sua transformação em “paixão nacional” nos anos de 1930, o futebol foi essencialmente um esporte oficialmente praticado apenas por membros da elite econômica nacional. Em outros termos, não havia campeonatos oficiais que envolvessem as camadas populares, o que evidentemente não impedia que tais camadas fossem se envolvendo cada vez mais com o esporte originalmente britânico. (LAMAS, 2021, p. 151)

Se por um lado o futebol poderia ser instrumentalizado para que os trabalhadores se apartassem de questões ligadas à sua condição, por outro, poderia se ajustar formando uma conexão entre os operários. É a partir desta unidade contraditória que o autor verifica a entrada de muitos operários no movimento sindical no Estado de Minas Gerais, inclusive Neres.

Grande medida, apanhamos o sexto e o sétimo capítulos como complementares. Em *Neres e o VI Congresso do PCB: organizar as massas contra a ditadura pela base*, e *Neres e os valores e convicções da moral comunista*, elaborados, de forma respectiva, por Igor Dias Domingues de Souza e Fábio Bezerra, o caráter orgânico da atuação de Neres revela-se de forma constante em diferentes momentos.

O posicionamento de Neres no VI Congresso do PCB, no ano de 1967, em Minas Gerais – de se mover pelas bases organizando trabalhadores de forma contra-hegemônica ao regime que se estabelecia – passando pelo empenho em reconstruir o PCB desde a solidariedade de classe demonstrada com as famílias de trabalhadores na ocorrência da desocupação de uma fábrica, nos anos 1990, entre os municípios mineiros de Santa Luzia e Sabará, são alguns episódios que ganham contornos nos capítulos e vão delineando essenciais virtudes do octogenário comunista.

O derradeiro capítulo, escrito por Túlio César Dias Lopes e nomeado *Neres: persistente e sempre presente na luta!*, evidencia a incansável militância de Neres. A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, o capítulo apresenta diversas informações contidas no relatório da Comissão da Verdade e Justiça de Minas Gerais. Desta forma, indica-se o PCB como uma das principais organizações perseguidas

no período, tendo os seus militantes como principais alvos do terror e da repressão exercidos pela ditadura empresarial-militar no Brasil.

De acordo com Túlio César Dias Lopes (2021, p. 180),

Na última década, José Francisco Neres foi um dos mais ativos militantes na luta pela memória, verdade e justiça e esteve presente juntamente com outros camaradas do PCB, em diversas ações em BH e outras cidades-polo de Minas Gerais na luta em defesa dos direitos humanos, da história do movimento operário sindical, do comunismo e do PCB.

Neste sentido, destaca-se o atual engajamento de Neres compondo de maneira ativa as fileiras do partido e a sua essencial contribuição na luta pela memória dos trabalhadores que foram vítimas de crimes durante o período ditatorial no Brasil.

O livro está respaldado numa ampla pesquisa de caráter bibliográfico e documental, podendo assim ser aprofundado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. As memórias de Neres configuram-se como um painel que em movimento e como parte constitutiva da história do PCB – partido que se encontra às vésperas do seu centenário – expressa as especificidades do conflito entre classes no Brasil, bem como permite ao leitor aproximar-se das modulações da resistência, possibilitando, desse modo, um entendimento mais assertivo do processo histórico contemporâneo.

Como epígrafe deste escrito, tomamos de empréstimo de Bertolt Brecht, militante, poeta e dramaturgo alemão, nascido no final do século XIX e que, por ora, entendemos dispensar maiores apresentações, um fragmento do poema *Perguntas de um trabalhador que lê para*, em diálogo com o poema, destacar a importância da leitura desta obra. Pois, sim! desejamos saber quais foram e quem são, entre os nossos, que resistiram e resistem, que se organizaram e organizam, ou seja, que fizeram e fazem a história da classe trabalhadora e que proporcionam, bravamente, saltos qualitativos contra os imperativos capitalistas.

Referências:

LIMA, Pablo; SILVA, Paloma (org.). **Neres: da luta contra a ditadura à reconstrução do PCB**. Biblioteca Comunista (coleção). 2 ed. revista e ampliada. São Paulo; Belo Horizonte: Instituto Caio Prado Jr.; Raízes da América, 2021.

Notas

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialista em metodologia e docência do ensino superior pelo Centro Universitário Dom Pedro II (UNIDOM), graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora da Rede Municipal de Santa Luzia-MG. Pesquisadora do Grupo Educação, Política, Indivíduo e Sociedade (EPIS) na Faculdade de Educação (UFBA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9925816416705728>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9795-2782>. E-mail: najlagama@yahoo.com.br.

² Ver: ARANTES, P. E. 1964, O ano que não terminou. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (org.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010. p.205-236.

³ Na década de 1960 as cisões se intensificam no PCB, o impasse entre via pacífica e luta armada eleva-se neste momento.

Recebido em: 27 de mar. 2022

Aprovado em: 30 de mar. 2022